

## Filhos legítimos da ciência: Os homens de ciência nos contos de Machado de Assis (1870-1884)<sup>1</sup>

ISABEL CRISTINA HENTZ\*

— Porque eu não sou filha bastarda. Todas as outras mulheres são filhas bastardas, eu só posso gabar-me de ser filha legítima, porque sou filha da ciência e da vontade do homem.

Fala de Augusta, personagem do conto de Machado de Assis *O capitão Mendonça* (1870)

Machado de Assis já foi lido por muitos “olhos historiográficos”. Não é mais novidade para a área de História estudos sobre a sua obra. De toda a obra deste escritor, talvez o que tenha sido mais exaustivamente estudado foram seus romances. Recentemente vem sendo destacada, porém, a importância de se dar atenção também aos outros textos de Machado, principalmente as crônicas e os contos, como fontes ricas para análise. John Gledson, inglês, professor da área da literatura e um dos mais importantes estudiosos de Machado de Assis da atualidade, afirma que o escritor carioca é “um dos melhores [contistas] da história da literatura brasileira, digno de comparação, em muitos momentos, aos maiores contistas de sua época”<sup>2</sup>.

A partir da obra de Machado de Assis, seja através de seus romances, contos, crônicas ou outros tipos de textos que escreveu, já foram estudados os mais variados temas: escravidão, mulheres, carnaval, domínio senhorial, enfim, uma infinidade de temas. Cabe destacar aqui um tema especificamente: a ciência em Machado de Assis. Dentre as análises históricas relacionadas a este tema, é importante citar uma em

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de meu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Filhos legítimos da ciência: A ciência e os homens de ciência nos contos de Machado de Assis (1870-1884)*, defendido em junho de 2010 no departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Prof. Dr. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho.

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> “Com efeito, há boas razões para se imaginar que o conto seria mais condizente com o gênio do autor. Machado gosta muito de anedotas, e de focalizar detalhes aparentemente triviais, mas que lançam uma luz inesperada sobre assuntos “importantes”; orgulha-se até de sua miopia. [...] E os próprios romances não seguem as convenções do realismo do século XIX, contendo episódios que em si poderiam ser contos: os capítulos que tratam de Eugênia em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ou a “Confeitaria do Custódio”, em *Esau e Jacó*, para dar dois exemplos contrastantes.” GLEDSON, 2006, p. 35-36.

especial. Sidney Chalhoub, estudioso, dentre outros temas, de Machado de Assis, traz um argumento interessante: para este historiador, o cientificismo que chegou ao Brasil no final do século XIX, tardiamente se comparado a outros lugares, teve o papel importante de substituir o poder de controle social que a classe senhorial perdeu gradativamente após a instauração da Lei do Ventre Livre, em 1871. Em seu texto *Para que servem os narizes? Paternalismo, darwinismo social e ciência racial em Machado de Assis*, Chalhoub utiliza o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para analisar como o literato abordava o papel das teorias científicas em relação às mudanças nas políticas de domínio paternalista pós-1871<sup>3</sup>.

Partindo desta perspectiva, o que pretendo analisar neste trabalho, é como Machado de Assis caracterizava os “homens de ciência” em seus contos. Como Machado construía personagens homens de ciência que, a princípio, parecem seres magnânimos, mas que, ao longo da narrativa, se mostram mesquinhos, sem noção de limites e, muitas vezes, loucos. Os contos selecionados para a análise são *O capitão Mendonça* (1870), *O alienista* (1881-1882), *O segredo do bonzo* (1882), *A sereníssima república* (1882), *O lapso* (1883), *Conto alexandrino* (1883), *Ex cathedra* (1884)<sup>4</sup>.

Todas as fontes selecionadas foram originalmente publicadas durante as décadas de 1870 e 1880. A partir da leitura destes textos de Machado, pode-se perceber que foi nessas duas décadas que o autor escreveu os contos em que a temática da ciência aparece de forma mais aprofundada. É interessante perceber como o aparecimento deste tema ocorre no mesmo período em que o cientificismo chega ao Brasil e se consolida como forma de explicar o mundo e a organização social. É exatamente por este motivo que Lilia Moritz Schwarcz escolheu o ano de 1870 como marco inicial de sua pesquisa sobre as teorias raciais no Brasil no final do século XIX e início do XX:

---

<sup>3</sup> “As memórias de Brás tornam-se, por conseguinte, um testemunho histórico importante sobre as transformações nas ideologias de sustentação do poder no período de crise da sociedade escravista. O argumento deste capítulo é que Brás busca articular a política de domínio paternalista, sob fogo cerrado nos anos 1870, com aspectos da onda de idéias científicas européias do tempo – especialmente no que tange ao darwinismo social como forma de explicar a origem e a reprodução das desigualdades sociais.” CHALHOUB, 2003. p. 19-55.

<sup>4</sup> As datas se referem às primeiras publicações dos contos. As datas de publicações dos contos foram retiradas da tabela elaborada por Daniela Magalhães da Silveira para sua tese, com exceção de *O capitão Mendonça*, cuja data foi retirada da versão *on line* do conto. SILVEIRA, 2009. p. 227-233.

Largamente utilizado pela política imperialista européia, esse tipo de discurso evolucionista e determinista penetra no Brasil a partir dos anos 70 como um novo argumento para explicar as diferenças internas. Dotando uma espécie de “imperialismo interno”, o país passava de objeto a sujeito das explicações, ao mesmo tempo que se faziam das diferenças sociais variações raciais. Os mesmos modelos que explicavam o atraso brasileiro em relação ao mundo ocidental passavam a justificar novas formas de inferioridade. Negros, africanos, trabalhadores, escravos e ex-escravos – “classes perigosas” a partir de então – nas palavras de Silvio Romero transformavam-se em “objetos de ciência” (prefácio a Rodrigues, 1933/88). Era a partir da ciência que se reconheciam diferenças e se determinavam inferioridades. (SCHWARCZ, 1993, p. 28)

Os contos<sup>5</sup> acima citados foram selecionados para esta análise por um motivo: em todos eles, dentre os personagens centrais nas histórias, há “homens de ciência”. A presença de personagens centrais “homens de ciência” é o que fio une esses contos nesta análise. Outros fios são possíveis, e outros rearranjos certamente permitiriam análises diversas sobre o tema da ciência em Machado de Assis.

Quem são estas figuras que chamarei neste trabalho de “homens de ciência”? O que faz com que figuras tão diferentes como o alienista Simão Bacamarte, o militar aposentado capitão Mendonça, os filósofos da Antiguidade Stroibus e Pítias possam ser agrupados sob a mesma categorização? Os homens de ciência de Machado não seguem o estereótipo atual de cientistas, pessoas de jaleco branco, trabalhando confinadas em laboratórios, que mexem com líquidos coloridos e explosivos e convivem mais com ratos de laboratório do que com outras pessoas. Pode-se dizer que estes personagens “cientistas” dos contos de Machado de Assis têm alguma semelhança com os “homens de ciência” que Lilia Moritz Schwarcz descreve como os personagens de sua pesquisa: “misto de cientistas e políticos, pesquisadores e literatos, acadêmicos e missionários”, são homens que, no final do século XIX, trabalhavam no limiar entre as teorias estrangeiras e a especificidade da situação brasileira, na tentativa de encontrar saídas científicas para um povo racialmente muito miscigenado e, segundo as teorias raciais do período, degenerado (SCHWARCZ, 1993, p. 18).

É importante destacar que a denominação de “homens de ciência” não é de Machado de Assis, uma vez que o autor muitas vezes não denominou esses personagens

---

<sup>5</sup> Todos os contos analisados foram consultados no site: Machado de Assis, obra completa. (Domínio Público) <<http://machado.mec.gov.br/>>

de cientistas; esta é uma categorização utilizada especificamente para este trabalho, apropriada de uma expressão utilizada na obra de Lilia Moritz Schwarcz, a fim de pensar estes contos escritos em momentos diversos, que não têm uma conexão *a priori*, sob uma mesma perspectiva.

Assim como os de Lilia Moritz Schwarcz, os homens de ciência de Machado também têm diversas profissões: médicos, filósofos, viajantes, militar aposentado... São homens (porque esses personagens não são, em nenhum dos contos selecionados, mulheres) que dizem trabalhar “a serviço da ciência”. Além disso, são, acima de tudo, homens influentes que modificam os lugares e as pessoas com os quais entram em contato, sempre com o discurso científico como legitimador de suas ações.

Para entendermos como Machado de Assis construiu seus personagens “homens de ciência” é preciso conhecer em que tramas estão envolvidos. Para tanto, descrevo na próxima seção, de forma breve devido ao limite de espaço, os contos que serão analisados mais adiante.

## Os contos

*O capitão Mendonça*<sup>6</sup> foi publicado originalmente em maio de 1870 no *Jornal das Famílias*<sup>7</sup> e não foi republicado em nenhuma das coletâneas organizadas em vida por Machado de Assis. Este conto, uma espécie de releitura do conto *O homem da areia*<sup>8</sup>, de Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1776-1822), narra a história quase fantástica do capitão Mendonça, um militar aposentado, dedicado aos estudos científicos, que afirma ter decifrado o segredo de criar seres humanos. Augusta, sua filha, uma moça muito bela e peculiar, não é senão a obra-prima do cientista, criada a partir da combinação química perfeita. Outra descoberta do personagem que dá nome ao

---

<sup>6</sup> O capitão Mendonça. Disponível em <<http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn031.pdf>>. 20 p.

<sup>7</sup> O *Jornal das Famílias* era um periódico voltado ao público feminino. John Gledson ressalta a forte relação de Machado com este e com outro periódico feminino: “O *Jornal das Famílias* e *A Estação* eram revistas femininas, e Machado não apenas escreveu muito para elas; ele foi seu espírito orientador, ao menos no aspecto literário. Esse esforço de produzir uma literatura que estimulasse as mulheres brasileiras é um dos traços menos conhecidos da carreira desse suposto retraído.” GLEDSON, 2006, p. 37.

<sup>8</sup> HOFFMANN, E.T.A.. O homem da areia. Disponível em <<http://riesemberg.blogspot.com/2009/11/o-homem-da-areia-eta-hoffman.html>>. Acesso em maio de 2010.

conto é a inserção do “gênio” diretamente no cérebro, que transformaria qualquer pessoa comum em alguém brilhante. No conto, o capitão Mendonça tenta testar sua teoria do “gênio” no Sr. Amaral, narrador impressionado da história.

Três dos contos que serão analisados a seguir, *O alienista* (1881-1882), *O segredo do bonzo* (1882) e *A sereníssima república* (1882), foram publicados na coletânea *Papéis avulsos*, uma das mais notáveis do escritor. *O alienista*<sup>9</sup> é provavelmente um dos contos mais conhecidos de Machado de Assis e foi publicado originalmente em diversos números da revista feminina *A estação*, entre 15 de outubro de 1881 e 15 de março de 1882. É a história de Simão Bacamarte, estudioso interessado nos mistérios da mente humana, que, para estudar mais a fundo as patologias cerebrais, constrói a Casa Verde, onde interna quase todos da cidade. Depois de modificar mais de uma vez suas teorias sobre os “doentes da alma”, internando e liberando seus pacientes, chega à conclusão que o único louco é ele próprio.

*O segredo do bonzo*<sup>10</sup>; foi publicado originalmente com o título *Um capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto*, no dia 30 de abril de 1882, na *Gazeta de Notícias*. Este conto fala da tentativa de dois viajantes portugueses, Fernão Mendes Pinto e Diogo Meireles, e um “homem da terra” de Fuchéu, Titané, de comprovarem a doutrina do sábio bonzo Pomada. Essa teoria consistia em, nas próprias palavras do ancião: “se uma coisa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente.”<sup>11</sup>

*A sereníssima república (Conferência do cônego Vargas)*<sup>12</sup> foi publicado originalmente na *Gazeta de Notícias*, em 20 de agosto de 1882. Este conto é narrado na forma de uma conferência em que o personagem-narrador, o cônego Vargas, descreve uma experiência científica que fez com certa espécie de aranhas, organizando-as em sociedade, sob um governo republicano nos moldes da antiga república de Veneza, a Sereníssima República, do título do conto. A história, em uma clara referência à questão

---

<sup>9</sup> O alienista. Disponível em <<http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn003.pdf>>. p. 2-32.

<sup>10</sup> O segredo do bonzo. Capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto. Disponível em <<http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn003.pdf>> p. 63-66.

<sup>11</sup> O segredo do bonzo. Capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto. p. 64.

<sup>12</sup> A sereníssima república (Conferência do cônego Vargas). Disponível em <<http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn003.pdf>> p. 76-80.

eleitoral do Brasil neste momento, narra as diversas tentativas, muitas vezes frustradas e fraudulentas, das aranhas em encontrar a forma perfeita de eleição.

Três dos contos analisados foram reunidos na coletânea *Histórias sem data*, de 1884, *O lapso* (1883), *Conto alexandrino* (1883) e *Ex cathedra* (1884). *O lapso*, publicado originalmente em 17 de abril de 1883, na *Gazeta de Notícias* conta a história do médico holandês Dr. Jeremias Halma, que se empenha em curar Tomé Gonçalves de seu lapso de memória. Tomé Gonçalves, um homem abastado, havia perdido a noção de pagar, o que resultava no não pagamento de suas dívidas e um conseqüente descontentamento de seus credores.

*Conto alexandrino*<sup>13</sup> foi publicado originalmente na *Gazeta de Notícias*, no dia 13 de maio de 1883. A história se passa em Alexandria, no período da Antiguidade, e tem como personagens principais os filósofos Stroibus e Pítias que desenvolvem a teoria de que há no sangue dos animais “todos os sentimentos e capacidades humanas”. Para comprovarem sua idéia, os dois sábios matam inúmeros ratos, consumindo o sangue de suas cobaias para adquirirem as características de ladrões típicas aos ratos. Depois de completarem a experiência, roubando da própria biblioteca de Alexandria, são presos e sofrem eles próprios como cobaias de experiências científicas com criminosos.

*Ex cathedra*<sup>14</sup>, conto publicado originalmente em 8 de abril de 1884 na *Gazeta de Notícias* traz a história de Fulgêncio, um homem obcecado pela leitura e pelo conhecimento a ponto de perder a razão, sua afilhada, Caetaninha e o sobrinho de Fulgêncio, Raimundo. O conto narra a empreitada de Fulgêncio em ensinar o amor aos dois jovens, a partir de um programa de aulas e leituras. O que é mais interessante neste conto é que, paralelamente às lições do cientista, Caetaninha e Raimundo se conhecem, simpatizam e criam uma afeição muito grande um pelo outro. Diferente do que se possa imaginar, o narrador destaca que o amor que nasce entre os dois jovens nada tem a ver com o programa de ensino de Fulgêncio.

---

<sup>13</sup> Conto alexandrino. Disponível em <<http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn004.pdf>> p. 36-42.

<sup>14</sup> Ex cathedra. Disponível em <<http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn004.pdf>>. p. 74-79.

## Os “homens de ciência” machadianos

Em sua obra, Machado de Assis representou diversos personagens da sociedade de seu período através de seus personagens literários. Senhores, políticos, agregados, escravos, moçoilas suspirosas... Neste capítulo, veremos como Machado representou os cientistas de sua época, quais algumas das diferentes facetas que este autor imprimiu em seus “homens de ciência”, apresentando estas pessoas em diferentes profissões, lugares e tempos.

A importância de se entender o papel dos personagens como veículo das opiniões de Machado de Assis é destacada por Leonardo Affonso de Miranda Pereira, em seu trabalho no qual utilizada como fontes a série de crônicas *Bons Dias*, também de autoria de Machado. Dessa maneira, concordo com a idéia de Pereira em relação ao que diz sobre o personagem-narrador da série de crônicas: “Ao criar a figura do relojoeiro Policarpo (nome que significa aquele ‘que tem ou produz muitos frutos’), Machado está na verdade constituindo um canal de afirmação de suas próprias crenças e valores, que lhe permita comentar os acontecimentos do seu tempo” (PEREIRA, 1992, p. 9).

Dizer que os personagens são veículos das opiniões de Machado de Assis não significa dizer que as posturas defendidas pelos personagens são as mesmas defendidas pelo autor. A forma como Machado construiu seus personagens, ironizando suas falas, colocando-os em situações absurdas, desacreditando os personagens perante os leitores, diz muito mais sobre a forma como Machado via seu mundo e sua sociedade do que as falas explícitas dos próprios personagens, mesmo quando estes são também narradores. Este é um aspecto interessante que deve ser levado em conta quando se lê Machado de Assis: os narradores não evidenciam, necessariamente, a opinião do autor; pelo contrário, os narradores são também personagens fictícios que evidenciam vozes diversas, e muitas vezes dissonantes, à voz do autor.

Os personagens cientistas de Machado de Assis, dos contos selecionados para esta análise, são todos homens. São sempre homens mais velhos, o que passa uma imagem de maior seriedade, estabilidade e respeito. As únicas personagens femininas que aparecem com maior destaque dentre os contos analisados são Augusta, filha do capitão Mendonça, D. Evarista, esposa de Simão Bacamarte, e Caetaninha, afilhada de Fulgêncio. Nota-se que as três personagens se situam nas histórias a partir de suas

relações de parentesco, bastante semelhante ao que acontecia (não só) no século XIX, em que as mulheres eram sempre “de alguém”: filha de fulano, esposa de beltrano... Das três personagens de maior destaque destes contos, apenas uma delas se apresenta como marcante; Augusta é a única mulher que expõe suas opiniões diretamente. Enquanto Caetaninha fazia tudo escondido de seu padrinho e D. Evarista usava subterfúgios e caminhos tortuosos para conseguir o que queria de seu marido extremamente racional, Augusta marcava sua presença e suas vontades sem o uso de meios obscuros.

Amaral se surpreendeu em vários momentos com a personalidade de Augusta; ela não era parecida com as mulheres de sua época. O próprio pai da moça tinha consciência, e se orgulhava, dessa característica:

— Há de notar, disse-me o capitão sentando-se, que esta pequena é franca de mais para o seu sexo e idade...  
— Não lhe acho defeito...  
— Nada de evasivas; a verdade é essa. Augusta não se parece com as outras moças que pensam muito bem de si, mas sorriem quando lhes fazem algum cumprimento, e franzem o sobrolho quando não lhes fazem.

Aquilo que mais surpreendia na personalidade de Augusta era sua franqueza; ela sempre dizia o que pensava, sem meias palavras. Essa era uma característica que transgredia os papéis de gênero atribuídos às mulheres deste período, uma vez que era esperado das mulheres, principalmente das classes ricas, que fossem discretas, não falassem muito, principalmente na presença de homens, ainda mais se fossem homens de fora da família.

É interessante que Machado de Assis tenha construído uma personagem feminina como esta, principalmente se comparada com a personagem possivelmente inspiradora do texto de Hoffmann, ainda mais em um periódico voltado para o público feminino das classes ricas: uma mulher que está fora dos modelos femininos do período, que tem opinião, fala o que pensa, que sabe se impor<sup>15</sup>. Apesar disso, Augusta não é, em última instância, um ser humano, é uma criação da ciência, um ser artificial. Talvez

---

<sup>15</sup> Existem diversos estudos sobre as personagens femininas em Machado de Assis. Para citar apenas um exemplo, há o capítulo em que Sidney Chalhoub reflete sobre a personagem Helena e sobre suas estratégias para se movimentar no interior da ideologia senhorial. Ver: CHALHOUB, 2003a, p. 17-57.

somente por isso ela estava autorizada a transgredir os papéis sociais atribuídos às mulheres em seu período.

Apesar de Augusta ser a personagem feminina explicitamente mais forte, por assim dizer, não podemos menosprezar as estratégias pelas quais Caetaninha e D. Evarista conseguiam o que queriam. Caetaninha, aproveitando-se das distrações de seu padrinho que passava o dia todo, todos os dias a ler, se aproximava cada vez mais de Raimundo, construindo um amor que Fulgêncio acreditava estar induzindo por meio de suas aulas. Para ilustrar a forma como D. Evarista conseguir atingir seus objetivos, há o caso da viagem ao Rio de Janeiro, realização de “seus desejos de menina e moça”. Após reclamar ao marido que sentia-se viúva novamente, uma vez que a vida de Bacamarte girava em torno dos loucos da Casa Verde, o médico, para alegrar a esposa, “consente” em que ela viaje ao Rio de Janeiro. Após um instante de imensa alegria, D. Evarista se entristece, pois, sabendo que o marido não se afastará de Itaguaí, não irá ela viajar sozinha. Vale a pena reproduzir o que diz o narrador sobre este caso:

Mas um dardo atravessou o coração de D. Evarista. Conteve-se, entretanto: limitou-se a dizer ao marido, que, se ele não ia, ela não iria também, porque não havia de meter-se sozinha pelas estradas.

— Irá com sua tia, redargüiu o alienista.

Note-se que D. Evarista tinha pensado nisso mesmo; mas não quisera pedi-lo nem insinuá-lo, em primeiro lugar porque seria impor grandes despesas ao marido, em segundo lugar porque era melhor, mais metódico e racional que a proposta viesse dele.<sup>16</sup>

D. Evarista, tendo consciência do funcionamento do poder senhorial, soube utilizá-lo a seu favor, através de suas insinuações. Mesmo sem contestar seu marido, mantendo a imagem de boa esposa, D. Evarista conseguiu exatamente o que queria. Estes espaços e estratégias de negociação no interior da ideologia senhorial podem ser identificados se lermos a obra de Machado de Assis a “contrapelo”, como diz Sidney Chalhoub (CHALHOUB, 2003a ). É neste mesmo sentido, procurando como os dependentes driblavam o domínio senhorial, que Daniela Magalhães da Silveira analisa a coletânea *Histórias sem data*.

Além de serem todos homens, os cientistas de Machado de Assis também são todos brancos. Talvez a única exceção a isto seja o bonzo Pomada, natural da cidade

---

<sup>16</sup> O alienista. p. 7.

oriental de Fuchéu; mesmo assim, o outro homem de ciência do conto era Diogo Meireles, um português. Os homens de ciência machadianos também eram, em grande parte, homens ricos. O capitão Mendonça era um militar aposentado e afirmou a seu futuro genro que riqueza tinha de sobra; o cônego Vargas e Fulgêncio eram proprietários de pelo menos uma propriedade rural; Simão Bacamarte construiu e manteve a Casa Verde praticamente com suas rendas; Dr. Jeremias Halma era um médico europeu de renome. As exceções são Stroibus e Pítias que viviam com simplicidade e recusaram as regalias oferecidas pelo povo de Alexandria. Sobre o bonzo Pomada não há informações explícitas em relação a este aspecto. Todos os personagens cientistas, porém, fizeram suas experiências e compraram seus livros a suas próprias custas; é de se imaginar, portanto, que possuíam recursos pessoais para isso.

Em muitos casos, os homens de ciência são pessoas com representatividade em seu convívio social. O capitão Mendonça era um oficial do Exército, veterano de guerra; o bonzo Pomada era “um ancião de cento e oito anos, muito lido e sabido nas letras divinas e humanas, e grandemente aceito a toda aquela gentilidade, e por isso mesmo mal visto de outros bonzos, que se finavam de puro ciúme”<sup>17</sup>; é em uma tribuna e em forma de conferência que o cônego Vargas apresenta sua descoberta; Simão Bacamarte consegue que a câmara de Itaguaí aprove tributos para subsidiar o tratamento dos pacientes na Casa Verde; Dr. Jeremias Halma é a autoridade médica a quem os credores de Tomé Gonçalves recorrem, antes de tomarem medidas mais drásticas; Stroibus e Pítias, apesar de desdenhados em sua terra natal, foram inicialmente aclamados, recebidos com pompa e presentes em Alexandria; Fulgêncio era recluso, mas exercia poder sobre seus dependentes, Caetaninha, Raimundo e as mucamas. Os homens de ciência são pessoas bem posicionadas socialmente, com poder social e, alguns casos, político.

Homens, brancos, ricos, poderosos, exercem poder sobre seus dependentes. Descrição perfeita da classe senhorial. Podemos dizer que os homens de ciência machadianos carregam diversas características da ideologia senhorial, mesmo aqueles que, anacronismos à parte, são personagens de momentos históricos em que não faz sentido falar de ideologia senhorial, como é o caso dos contos *O segredo do bonzo* e *Conto alexandrino*. Não é mera coincidência que os personagens cientistas possuam

---

<sup>17</sup> O segredo do bonzo. Capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto. p. 64.

tantas características relacionadas à ideologia senhorial; os cientistas “históricos” também possuíam essas características. Muitos deles trabalhavam no sentido de manter as estruturas de dominação social, mesmo quando a ideologia senhorial já estava perdendo poder.

Este é um dos argumentos mais destacados por Sidney Chalhoub, em sua obra sobre cortiços e epidemias na Corte imperial (CHALHOUB, 1996). Para este autor, as práticas higienistas de controle social, como a perseguição aos cortiços e a vacinação antivariólica obrigatória, faziam parte de um contexto de reorganização das relações de dominação e trabalho, iniciadas a partir de 1871, com a Lei do Ventre Livre, que colocava um fim certo à escravidão em um futuro relativamente próximo. Nas palavras do próprio autor:

As controvérsias no interior do pensamento e das práticas higienistas eram constitutivas do processo histórico de falência das ideologias de dominação senhorial – escravidão, paternalismo, dependência pessoal – e da conseqüente tentativa de reorganização do mundo do trabalho no Brasil nas últimas décadas do século passado [século XIX]. A história da varíola e da vacina antivariólica no Rio *é assim constitutiva deste processo histórico mais amplo* – isto é, não o “reflete” nem o “exemplifica”, mas é um dentre os múltiplos elementos que efetivamente o constituem. (grifo do autor) (CHALHOUB, 1996, p. 167)

Com o fim da dominação social baseada nas relações escravistas, era preciso encontrar outras formas de controle sobre as “classes perigosas”; o conhecimento científico foi um importante justificador de diversas práticas de controle sobre a população mais pobre. Este foi um movimento que se iniciou nas últimas décadas do século XIX e teve seu apogeu no início do século XX. Machado de Assis testemunhou o início deste processo e os contos aqui analisados fazem parte deste mesmo contexto.

Voltando à caracterização dos personagens, os homens de ciência de Machado raramente são casados: dos contos analisados, apenas Simão Bacamarte era casado e as suas motivações para o casamento com D. Evarista passam longe de qualquer imagem de amor:

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz-de-fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho.

Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.<sup>18</sup>

Fulgêncio, personagem do conto *Ex cathedra*, era viúvo, mas desde a morte de sua esposa dedicou sua vida aos livros. Stroibus e Pítias eram “amigos, viúvos e quinquagenários”; além disso não há mais nada sobre o assunto no conto. Nenhum dos outros personagens era, ou havia sido, casado: capitão Mendonça vivia em companhia de Augusta, sua criatura, e de um “moleque”; Fernão Mendes Pinto e Diogo Meireles eram viajantes e sobre o bonzo Pomada não há nenhuma referência a este respeito; Dr. Jeremias Halma, ao que tudo indica no conto, morava sozinho.

De modo geral, Machado de Assis construiu para seus homens de ciência uma imagem de isolamento, uma vez que o único cientista casado era tão comprometido com suas pesquisas que fazia sua esposa sentir como se viúva fosse. Mesmo entre os personagens que haviam sido casados, esta informação não ganha destaque na narrativa, se tornado apenas uma informação adicional de caracterização. Machado construiu, dessa maneira, uma imagem de total devoção à ciência, como se seus personagens fossem “casados com a ciência”; de certa maneira, esta característica dá coerência à obsessão que os homens de ciência machadianos tinham pelo conhecimento.

Os cientistas de Machado são abnegados; sua dedicação à ciência não tem motivação financeira. Um exemplo disto acontece no conto *O capitão Mendonça*: após Mendonça transformar um simples pedaço de carvão em um valioso diamante a partir de um processo químico, Amaral comenta que dessa maneira o militar poderia ficar rico. A isso, o capitão responde:

— Faço isto para mostrar que posso e sei; mas não o direi a ninguém. É segredo que fica comigo.  
— Não trabalha então por amor à ciência?  
— Não; tenho algum amor à ciência, mas é um amor platônico. Trabalho para mostrar que sei e posso criar. Quanto aos outros

---

<sup>18</sup> O alienista. p. 3.

homens, importa-me pouco que saibam ou não. Chamar-me-ão egoísta; eu digo que sou filósofo.<sup>19</sup>

Nota-se a partir desta fala de Mendonça que aquilo que o move a estudar, a se aperfeiçoar, a criar, a transformar pedras de carvão em diamantes não é nem o amor desprendido à ciência, nem a vontade de riqueza, uma vez que já é abastado. O que o move a ser cientista é a vontade de poder, é a possibilidade de mostrar que pode criar, que pode fazer o que quiser. Dessa maneira, o conhecimento científico é visto como uma forma de poder que, além de tudo, é restrita a poucos, uma vez que aqueles que o detém não compartilham com os outros, muitas vezes por considerarem que estes outros não sejam dignos e capazes de aprender este conhecimento. De certa forma, é isso o que acontece com Amaral, já que ele, por ser um homem “comum”, por não possuir “o gênio” não era digno de se casar com a filha de um homem de ciência, tendo a permissão de casar com Augusta apenas no caso de se submeter à cirurgia que o tornaria “gênio”.

Os bonzos Patimau e Languru também constroem uma auto-imagem de abnegação: ao divulgarem suas descobertas, ambos os personagens afirmam não buscarem recompensas pelos seus conhecimentos. Patimau afirma que “a ciência valia mais do que a vida e seus deleites”, ou seja, passa a imagem de alguém que renunciou aos “prazeres mundanos”; Languru, por sua vez afirma não querer outra recompensa que não seja a glória do reino de Bungo e a estima de seu povo, ou seja, não busca recompensas materiais, apenas o reconhecimento de seu povo.

O cônego Vargas, ao falar de sua pesquisa com as aranhas, apresenta-o como árduo, que requeria muita paciência: “Vinte vezes desanimei; mas o amor da ciência dava-me forças para arremeter a um trabalho, que hoje declaro, não chegaria a ser feito duas vezes na vida do mesmo homem”<sup>20</sup>. Dessa forma, o personagem faz um auto-elogio ao seu trabalho e ao trabalho da ciência em geral, marcando-o como um trabalho que pode ser feito por poucos. Além disso, o que “deu forças” para que o cônego não desanimasse foi somente o “amor à ciência”; isso mostra uma imagem de abnegação, uma vez que o homem de ciência faz seu trabalho não em busca de glória ou dinheiro, mas apenas como forma de satisfazer seu amor pelo conhecimento.

---

<sup>19</sup> O capitão Mendonça. p. 14.

<sup>20</sup> A sereníssima república (Conferência do cônego Vargas). p. 77.

Em um primeiro momento, parece que há uma diferença marcante entre o cônego Vargas e o capitão Mendonça, por exemplo, uma vez que o primeiro desenvolve sua experiência “por amor à ciência” e o segundo as desenvolvia “para mostrar que podia”, para provar que tinha poder. Há, porém, um momento do conto *A Sereníssima República* em que o cônego afirma que foram duas “forças” as responsáveis por congregar as aranhas, seres naturalmente solitários, em sociedade: “o emprego da língua delas, desde que pude discerni-la um pouco, e o sentimento de terror que lhes infundi. A minha estatura, as vestes talares, o uso do mesmo idioma, fizeram-lhes crer que era eu o deus das aranhas, e desde então adoraram-me”<sup>21</sup>. Vemos aqui a imagem de cientista como um deus, como alguém que tem poder, mesmo que seja sobre seres considerados inferiores, mesmo que seja sobre seu experimento.

No caso do alienista, a motivação para a criação da Casa Verde é a sede pelo conhecimento, é o desejo de Simão Bacamarte de desvendar os segredos da mente humana. É neste sentido que Bacamarte revela as suas intenções ao boticário Crispim Soares:

— A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de S. Paulo aos Coríntios: “Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada”. O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.<sup>22</sup>

Machado construiu, inicialmente, para seus homens de ciência uma imagem de homens magnânimos, que estariam acima das “pequenezas humanas”, já que utilizavam toda sua energia e dedicação para o estudo e para a pesquisa. As motivações apontadas pelos homens de ciência para seus estudos eram o amor à ciência, a busca pela verdade e a vontade de mostrar poder. Ao longo dos contos, porém, o escritor relativiza a magnanimidade dos seus cientistas através de pequenas coisas. Dr. Jeremias Halma, por exemplo: tocado pela situação das famílias dos credores de Tomé Gonçalves, decide aplicar sua terapêutica no devedor; depois de curar o doente e de proporcionar o

---

<sup>21</sup> A sereníssima república (Conferência do cônego Vargas). p. 77.

<sup>22</sup> O alienista. p. 5.

pagamento a todos, o médico fica em um dilema, pois não sabe a quem pedir o pagamento pelo tratamento. O capitão Mendonça é explicitamente muito vaidoso e gosta de se vangloriar de suas conquistas, em especial de Augusta, sua criatura, a quem sempre se referia como sua obra-prima, como um produto perfeito, mais perfeito que o “natural”. A forma como Machado de Assis construiu a imagem de seus cientistas, apresentando-os em um primeiro momento como seres “superiores” e, logo depois, mostrando a fragilidade desta superioridade é uma maneira de mostrar que os personagens homens de ciência, apesar de se colocarem em um patamar superior às pessoas em geral, são tão humanos e tão mesquinhos quanto qualquer outro personagem. A imagem de superioridade e, por consequência de poder, dos homens de ciência machadianos faz mais sentido quando nos lembramos da relação entre o conhecimento, o poder e as ações justificadas em nome da ciência empreendidas não só por estes personagens, mas pelos homens de ciência “históricos”, que a historiografia destacou diversas vezes<sup>23</sup>.

### **Considerações finais**

A ciência foi um tema bastante importante, pelo menos durante certo período, para Machado de Assis, a ponto de o escritor adquirir diversos livros sobre a temática científica e abordá-la em seus contos. Machado de Assis levou o discurso científico do século XIX para sua ficção: através das “fontes de interlocução”, Machado inseriu diversas teorias científicas correntes no período em seus contos; através de seus “homens de ciência”, o escritor inseriu debates relacionados às “práticas científicas” correntes no Rio de Janeiro em que vivia.

Uma questão que fica, e é muito difícil de ser respondida, é até que ponto Machado concorda com aquilo que coloca na boca de seus personagens homens de ciência? Machado faz com que seus personagens digam e façam coisas que, apesar de parecerem absurdas para nós atualmente, estavam em conformidade com muitas teorias do período em que escreve. Mas será que o fato de Machado frequentemente

---

<sup>23</sup> Para alguns exemplos marcantes da historiografia brasileira ver: CHALHOUB, 1996 e SCHWARCZ, 1993.

desautorizar a fala desses homens de ciência, colocando-os em situações absurdas e até ridicularizando-os, não é uma forma de criticar e desautorizar também as teorias que seus personagens estão representando? Esta é uma linha muito difícil de ser traçada quando se trabalha com textos ficcionais como fontes históricas, ainda mais de um autor tão complexo como Machado de Assis, perceber onde acabam as opiniões dos personagens e onde começam as opiniões do autor.

No final do século XIX, após a aprovação da Lei do Ventre Livre, em 1871, a escravidão e, portanto, toda uma forma de organização social, tinha seu fim em um horizonte próximo. Neste contexto, a ciência, com suas teorias de cunho marcadamente social, fazia parte de um projeto de nação, um projeto que passava pela manutenção de relações de poder que fraquejaram após a lei de 1871. Machado de Assis, como um observador perspicaz que era, passou a observar as transformações no horizonte ideológico das políticas de domínio, justificadas não mais pela ideologia da inviolabilidade da vontade senhorial, mas pelas teorias científicas. Em muitos aspectos, Machado de Assis criticava esta organização social e política que estava sendo preservada; muitos dos personagens do escritor violavam a ideologia senhorial, mesmo que utilizando subterfúgios bastante sutis. Dessa maneira, ao criar os personagens homens de ciência e ao ironizá-los, Machado enriquecia sua crítica à sociedade oitocentista do Rio de Janeiro.

Outra questão que não podemos esquecer é que Machado de Assis era, segundo as teorias evolucionistas do período, um “degenerado”: mulato, neto de escravos, gago, franzino, epilético. Ao criticar as teorias científicas com tanta maestria, Machado, de certa forma, mostrava àqueles que o chamavam de “inferior” que este mesmo ser humano inferior pode rir da racionalidade científica e fazer muitos outros rirem com ele, mesmo que mais de um século depois.

### **Referências bibliográficas**

CARULA, Karoline. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. 2007. 179p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a.

CHALHOUB, Sidney. Para que servem os narizes? Paternalismo, darwinismo social e ciência racial em Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_ et al. (org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003b. p. 19-55.

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOFFMANN, E.T.A.. *O homem da areia*. Disponível em <<http://riesemberg.blogspot.com/2009/11/o-homem-da-areia-eta-hoffman.html>>. Acesso em maio de 2010.

JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Por trás das máscaras: Machado de Assis e os literatos cariocas no carnaval da virada do século*. 1991. 63 p. Monografia (Graduação em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de contos: as mulheres diante do cientificismo em contos de Machado de Assis*. 2009. 242 p. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.